

Alteridade, convivialidade e escuta: princípios para uma prática pentecostal do cuidado

Alterity, conviviality, and listening: principles for a Pentecostal practice of care

Claiton Ivan Pommerening¹

Orlando Afonso Camutue Gunlanda²

RESUMO

Este artigo tem por objetivo expressar alguns princípios viabilizadores de práticas de cuidado em diálogo com os saberes da Teologia Pentecostal. Assim, em um primeiro momento, o ensaio apresentará alguns apontamentos acerca da Teologia Pentecostal e suas peculiaridades, objetivando uma breve exposição dos principais elementos que permeiam e organizam a reflexão teológica pentecostal. Em um segundo momento, o artigo se ocupa com o diálogo entre os princípios filosóficos e teológicos, que possibilitam a composição de uma perspectiva de cuidado marcada pela experiência ministerial e pela teologia pentecostal, em diálogo com outros saberes a respeito do cuidado como a alteridade, a convivialidade e a escuta.

¹ Doutor e mestre em Teologia pelas Faculdades EST. Graduado em Teologia e Ciências Contábeis. Membro da RELEP – Rede Latino-americana de Estudos Pentecostais, do FPLC – Fórum Pentecostal Latino-americano e Caribenho e do Conselho Geral da ERA – Rede Assembleiana de Ensino. Articulista e comentarista de Lições Bíblicas CPAD e autor de livros. Diretor e professor de Teologia na Faculdade Refidim/CEEDUC (Joinville – SC). Editor da Azusa Revista de Estudos Pentecostais; editor executivo da Revista REPAS/CPAD. Pastor auxiliar na Assembleia de Deus em Joinville (SC). E-mail: claiton@ceeduc.edu.br

² Mestrando em Psicologia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Especialista em Discipulado e Cuidado pela Faculdade Refidim – Joinville, SC. Graduação em Teologia pela Faculdade Refidim – Joinville, SC. Graduação em Psicologia pela Faculdade Guilherme Guimbala (ACE) – Joinville, SC. E-mail: gunlanda@ceeduc.edu.br

PALAVRAS-CHAVE

Teologia Pentecostal. Práticas de cuidado. Pentecostalismo. Ministério pastoral.

ABSTRACT

This article aims to point out some principles that are conducive to care practices in dialogue with the knowledge of Pentecostal Theology. Firstly, the essay will present some notes about Pentecostal Theology, its peculiarities, with the purpose of exposing the main elements that permeate the pentecostal theological reflection. Secondly, the article deals with the dialogue between the philosophical and theological principles, which allow the composition of a perspective of care marked by ministerial experience and Pentecostal Theology, in dialogue with other knowledge about care such as otherness, conviviality and listening.

KEYWORDS

Pentecostal Theology. Practices of Care. Pentecostalism. Pastoral Ministry.

Introdução

A experiência ministerial em uma comunidade pentecostal, especificamente a Igreja Assembleia de Deus em Joinville, à qual os autores são vinculados, exercendo funções pastorais e de ensino, mobilizaram alguns questionamentos referentes ao modo como a tradição pentecostal concebe sua Teologia e os desdobramentos desta nas práticas de cuidado. Logo, pensar as relações entre os princípios da Teologia Pentecostal e seus efeitos nas práticas de cuidado, especificamente aquelas realizadas por pastores e outros ministros religiosos nas comunidades religiosas pentecostais, tornou-se um desafio de ambos os autores, desdobrando-se em intensas reflexões e pesquisas.

Os proponentes deste texto, sinalizam alguns apontamentos, a exemplo de uma produção artesanal que procura juntar diferentes materiais, tecidos, retalhos, objetivando a composição de uma peça, neste

caso, uma peça sobre os modos de cuidar atravessados pelos saberes da Teologia Pentecostal. Pensar e problematizar as ações e práticas de cuidado realizadas nos espaços eclesiais pentecostais faz-se necessário na medida em que relações de cuidado promovem o crescimento humano e manifestam a presença do Espírito como cuidador da vida.

1. Apontamentos da teologia pentecostal

A Teologia Pentecostal entende que a ação pneumatológica ocupa espaço significativo no evangelho de Lucas, no livro de Atos dos Apóstolos e nos demais textos neotestamentários, constituindo-se na principal hermenêutica de leitura e compreensão da fé em uma comunidade pentecostal. É pela via pneumatológica que a comunidade pentecostal se constitui, demarca sua presença na história e realiza sua mediação prática da vida e do mundo³.

Na perspectiva pentecostal, os textos de Jo 7.37-39; Lc 24.49, 52; At 1.8-14; 2.1-4 são compreendidos como bases para uma leitura pneumatológica da revelação de Deus ao ser humano. Dessa maneira, a crença central é a de que o derramamento do Espírito Santo narrado no livro de Atos dos Apóstolos é o marco de uma nova era histórica, marcada pela ação do Espírito Santo sobre a Igreja e sobre a humanidade⁴, denominada por Bernardo Campos como a pentecostalidade da igreja⁵.

Antônio Gilberto entende que, na narrativa bíblica, encontram-se dois eventos que possibilitam compreender as matrizes da leitura pentecostal: a promessa do derramamento do Espírito Santo sobre o povo israelita proferida pelo profeta Joel, cerca de 800 anos do advento de

³ BRUNER, Frederick Dale. *Teologia do Espírito Santo*. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2012. Cf. MENZIES, W. William; MENZIES, P. Robert. *No poder do Espírito: fundamentos da experiência pentecostal, um chamado ao diálogo*. São Paulo: Editora Vida, 2002.

⁴ MCLEAN, D. Mark. O Espírito Santo. In: *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Org. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), 2011.

⁵ CAMPOS, Bernardo. *Da reforma à pentecostalidade da igreja: debate sobre o Pentecostalismo na América Latina*. São Paulo: Sinodal: Quito: CLAI, 2002.

Cristo; e, a confirmação do cumprimento dessa promessa registrada a partir da vida de João Batista no Novo Testamento. Essa confirmação será percebida nos quatro evangelhos e amplamente sinalizada no evento de pentecostes, tal como se verifica no livro de Atos dos Apóstolos.

Por conseguinte, a narrativa de Atos, no seu capítulo dois, apresenta-se como texto central para a leitura da Teologia Pentecostal, na medida em que a experiência do Pentecoste “sinaliza, especialmente, a poderosa descida do Espírito Santo sobre os discípulos reunidos no cenáculo, capacitando-os a falar em outras línguas, reatualizando a presença manifesta de Deus entre a humanidade”⁶.

Na perspectiva de Menzies e Menzies, o que diferencia a Teologia Pentecostal das demais perspectivas teológicas evangélicas é a compreensão que ela tem de Lucas-Atos constituir o núcleo histórico-teológico de uma perspectiva carismática do Espírito Santo⁷, ou seja, na perspectiva dos pentecostais, existe uma diferença essencial, embora não contraditória, da leitura pneumatológica de Paulo e de Lucas. O primeiro desenvolve uma Pneumatologia Soteriológica e o segundo apresenta uma Pneumatologia carismática, voltada para o testemunho e serviço eficaz do Evangelho.

Sob esse olhar, o evento singular e histórico do Pentecoste inaugura um tempo onde a linguagem humana é entrelaçada com a linguagem divina na continuidade da proclamação do *kerygma*. A teologia de Lucas expressa na obra de Atos dos Apóstolos sinaliza a radical mobilização produzida pela experiência pneumatológica produziu nos discípulos, pois ao serem cheios do Espírito Santo, abriram-se para novas línguas espirituais (Atos 2.4), expressando, por um lado, o encontro entre a linguagem humana e a divina em uma cena misteriosa, potente para alterar a consciência dos discípulos em relação a si mesmos, à tradição, à teologia e à vida; e, em contrapartida, à reatualização da dimensão

⁶ BRUNER, 2012, p. 48.

⁷ A experiência com o Espírito Santo em Lucas foi trazida à academia com a publicação do livro *Luke: historian and theologian* de I. Howard Marshall na década de 1970 e do livro *The charismatic theology of St Luke* de Roger Stronstad em 1984. Isto mudou radicalmente a compreensão de que Lucas e Atos não são apenas livros históricos, mas também intencionalmente teológico-carismáticos no sentido de enfatizar a experiência carismática.

imane do divino: Deus torna-se inteligível na pluralidade da linguagem humana (Atos 2.8-11).

Se a teologia paulina afirma em 2Cor 5.19 a reconciliação de Deus com o mundo, Lucas expressa sua compreensão de reconciliação a partir da experiência do pentecostes, implicando em uma ampliação da linguagem da fé, antes marcada pela semântica judaica, agora, significada na diversidade de idiomas, culturas e povos. Com isso, Lucas entende que fora dada a possibilidade de todos os povos compreenderem o plano de Deus em suas próprias línguas, conforme aconteceu com aqueles que ouviam os discípulos⁸.

Em Babel as línguas humanas foram confundidas e as nações espalhadas, no Pentecoste, a barreira linguística foi vencida de forma sobrenatural, como sinal de que as nações agora seriam reunidas em uma efusiva comunhão com Deus mediada pela via pneumatológica.

A comunidade pentecostal se abre para um novo tempo: a irrupção de um momento histórico cujo movimento é em direção ao próprio Deus, aquilo que em uma linguagem teológica chamamos de “Novo céu e Nova Terra”, tempo/espço caracterizado pela vida divina marcada pelo amor, pela paz, pela alegria em sua máxima potência⁹.

Na ótica da Teologia Pentecostal Clássica, a experiência com Deus mediada pelo Espírito Santo possibilita a releitura da vida humana, produzindo ressignificações da complexidade, das ambiguidades e contrapontos da condição humana. Pommerening certifica que,

a universalidade e abrangência da manifestação do Espírito ultrapassa a lógica humana, pois ele pode pairar sobre as águas como uma grande mãe cuidadora e criadora, mas também pode promover a explosão das grandes estrelas; está presente no vazio, mas também na abundância; se manifesta na igreja, um suposto lugar de santos, mas também no mundo, o lugar dos profanos; está no céu, mas também no lugar dos mortos ao ressuscitar Jesus; promove a vida, mas também está presente ao consolar na morte; promove uma espiritualidade centrada

⁸ MENZIES; MENZIES, 2002.

⁹ OLIVEIRA, D. Mesquiati; CAMPOS, Bernardo. Teologia Prática Pentecostal: particularidade, perfil e desafios no século XXI. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 264-275, jul./dez., 2016.

e descentrada de si (em busca do outro); seu paradoxismo está presente nos dons carismáticos e também na cotidianidade do labor cansativo¹⁰.

Por esse viés, a experiência pentecostal não se resume a uma prática de espiritualidade, antes se constitui em um paradigma teológico na medida em que, a partir da descida do Espírito a toda a carne, instaura-se a possibilidade de todos os humanos experimentarem a vida sob o paradigma divino, um paradigma que impõe uma forma esperançosa de desenhar o futuro (escatologia), vivenciar o presente (pastoral), colocar-se na vida e interferir nos processos nela realizados (missão), movidos pela coragem, disposição e fôlego, os quais vêm de Deus (espiritualidade).

A experiência de fé pentecostal apresenta especial enfoque pneumatólogico, implicando em duas perspectivas sobre o movimento pentecostal: a primeira, diz respeito ao fato de que o pentecostalismo se apresenta como uma prática de espiritualidade, ou seja, ser pentecostal é ser praticante de uma espiritual característica a esse movimento; a segunda, diz respeito ao fato de que a referência “pentecostalismo” está diretamente ligada a um sistema doutrinário e teológico específico: uma forma de ler a Bíblia (Hermenêutica), uma forma de entender a missão (Missiologia), uma forma de pensar o ensino, o serviço, a ação pastoral e outras práticas da Igreja (Teologia Prática)¹¹.

Faz-se necessário compreender que a experiência com o Espírito Santo “não se dá somente na conversão, no batismo ou na manifestação dos dons. Isto seria um reducionismo. O pentecostalismo, portanto, não pode reduzir a ação do Espírito Santo a si, sob pena de trair o próprio movimento”¹². De igual forma, a Teologia Pentecostal não deve se ocupar somente com a hipervalorização dos dons carismáticos em detrimento da amplidão do agir do Espírito.

A experiência pentecostal, tal como narrada pelo olhar lucano, mostra a abrangência da ação do Espírito Santo na vida humana e cósmica, extrapolando os limites da Igreja e da compreensão humana. Sendo assim,

¹⁰ POMMERENING, Claiton Ivan. Desafios de uma proposta pneumatólogica para o pentecostalismo. *Revista Enfoque Teológico*, v. 3, p. 73-90, 2016, p. 77.

¹¹ SIQUEIRA, F. Gutierres. *Revestidos de Poder: uma introdução à Teologia Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.

¹² POMMERENING, 2016, p. 84.

a vida segundo o Espírito não se resume a uma condição confortável, antes, torna-se movida pelo paradigma pneumatológico e associa-se à forma pela qual o Espírito Santo acolhe a humanidade, cuidando-a, conduzindo-a para o caminho de Deus, participando dos “gemidos inexprimíveis” do Espírito pelo bem-estar da humanidade, em especial, dos integrantes do corpo místico de Cristo (Rm 8.24-26).

Vale também destacar que, o paradigma pneumatológico propõe uma vivência comunitária que rompe experiências excessivamente solitárias, pois o Espírito, ao distribuir carismas para os membros do corpo de Cristo, sinaliza a potência das relações. O Espírito manifesta sua grandeza mediante a diversidade de dons distribuídos à Igreja (Ef 4.7-16). A teologia paulina, por exemplo, entende que a multiforme sabedoria do Espírito torna-se conhecida na forma como a comunidade de fé vivencia os dons individuais, buscando o bem-estar dos demais, promovendo a liberdade, a justiça social, a essência do amor a qualquer custo, ampliando a comunhão cristã com o exercício dos dons¹³.

Em razão disso, uma das formas pelas quais o Espírito se manifesta é nas relações de cuidado, naquelas caracterizadas pelo interesse de promover o bem-estar do ser humano de forma integral. Por isso, toda e qualquer prática de cuidado é, então, uma manifestação pneumatológica visando “aperfeiçoar os santos” (Ef 4.13-14), possibilitar a criação de condições saudáveis para uma experiência de vida potente.

A partir da Teologia Pentecostal, tendo como foco principal a sua perspectiva pneumatológica, podemos enunciar alguns princípios que devem constituir o *ethos* das práticas de cuidado: alteridade, convivialidade e escuta sensível. Tais princípios constituem os modos de ser de uma comunidade, cuja manifestação do Espírito é visível e concreta, produzindo modos poimênicos de ser igreja.

2. “Costurando” uma concepção de cuidado pentecostal

A condição humana e social constitui-se de relações de interdependência que se tecem por ajuda mútua e simultânea, potencializando

¹³ POMMERENING, 2016.

a vida dos sujeitos em relação. A antecipação ao bem-estar do outro, alimenta as relações sociais e familiares, desenvolvendo sensações de bem-estar. “Nota-se ser o cuidado a condição essencial da existência, somente sendo possível existir a partir de relações que promovem o bem-estar humano”¹⁴.

Um dos proponentes da filosofia existencialista, Martin Heidegger, compreende que o cuidado é de caráter ontológico, ou seja, o cuidado é constituidor do ser. Para ele, o cuidado é o solo em que se move toda a interpretação do ser humano, constituindo-se no principal fundamento para compreender todo o desenvolvimento, toda a produção e todas as projeções realizadas pela humanidade¹⁵.

Ainda na perspectiva de Heidegger, cuidar é muito mais que uma prática, antes, assume a condição de ser da existência na medida em que o *Dasein* evoca a constituição ontológica da pessoa a partir do seu encontro com o mundo onde constrói sua história, seu sentido e sua existência¹⁶.

De acordo com Silva, o termo cuidado, na perspectiva existencialista, é entendido como o “próprio ser da existência na sua capacidade de projetar-se a si mesmo e de *poder-ser*. Ou seja, justamente por estar-lançado, o seu exercício acontece através dos movimentos e projetos que se fazem no cotidiano da vida”¹⁷. Com isso, o cuidado diz respeito ao movimento realizado pela pessoa para manter-se vivo e produzir ações potencializadoras das condições de vida, produzindo práticas e vivências que têm como preocupação última a manutenção da vida.

Deste modo, algumas palavras estão associadas ao conceito de cuidado como sustentação da existência, as quais são: precaução, diligência, sensibilidade, zelo, responsabilidade e dedicação. Essa última propõe a dimensão mais essencial do cuidado na medida em que um ser dedicado “é aquele que denota uma afeição profunda pelo ente focado e se reconhece dependente e pertencente ao outro”¹⁸.

¹⁴ SOUSA, A. M. Borges de; MIGUEL, S. Denise; LIMA, M. Patrícia. *Gestão do cuidado e educação biocêntrica*. Florianópolis/SC: UFSC-CED-Nuvic, 2010.

¹⁵ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

¹⁶ HEIDEGGER, 1999.

¹⁷ SILVA, M. Nörnberg. *Cuidem bem do meu filho: a ética do cuidado numa instituição filantrópica*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS/PPGEDU, 2002, p. 17.

¹⁸ SILVA, 2002, p. 17.

Na tradição teológica-cristã, o cuidado está associado ao conceito de Poimênica, cuja palavra grega correspondente é *Poimen*, significando aquele que cuida, aquele que apascenta. Nesse sentido, o termo técnico poimênica pode ser usado na linguagem teológica para se referir à ação pastoral, tendo a ver com ações de cuidado de modo geral, desde aquelas mais tradicionais (circunscritas ao espaço eclesiástico), àquelas mais direcionadas ao espaço extra eclesiástico¹⁹.

Sob esse prisma, a perspectiva poimênica apontada por este artigo está relacionada às formas de cuidado vinculadas à tradição pastoral, compreendendo o cuidado como ação teológico-pastoral, produzindo transformação e sustentabilidade da vida humana. Tal como reafirma Caldas, a compreensão da relevância do cuidado possibilita a construção de comunidades eclesiásticas em que os membros se interessam desinteressadamente uns pelos outros, promovendo ações de cuidado contínuo em uma perspectiva holística²⁰.

Tal perspectiva entende que o cuidado holístico está relacionado ao modo como as pessoas de uma comunidade entendem o princípio de serviço e entrega ao outro, em diálogo com a ideia de dedicação ao outro como ação essencial da existência. Em decorrência, a prática do cuidado holístico está enraizada no princípio da *Kenosis*, o esvaziamento do Deus que assumiu as condições humanas para redimir os homens em meio às fragilidades e contingências caracterizantes da vida humana (Fl 2.6-11).

Deus se esvaziou na criação, Cristo na cruz e o Espírito Santo na igreja/mundo. Esvaziaram-se para cuidar da humanidade e poder redimi-la, implicando em uma compreensão de cuidado a passar pela encarnação do ato de esvaziar-se e ir ao encontro do outro.

Igualmente como a trindade se esvaziou, cuidar do outro implica ter um compromisso, um negar-se como totalidade, um afirmar-se como finito e, a partir do lugar da finitude, compreender a finitude do outro, principalmente quando ela se manifesta mediante doenças, dificuldades emocionais, crises existenciais, dificuldades financeiras, problemas familiares e outros tantos motivos que evidenciam a perenidade humana

¹⁹ CALDAS, Carlos. *Fundamentos da teologia da Igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

²⁰ CALDAS, 2007.

e suas limitações. Isso nos faz desembocar na atitude disciplinar de um contínuo saber esvaziar-se e um saber dedicar-se.

Partindo dessa perspectiva, as relações de cuidado não devem prescindir de sua *condição mimética*, ou seja, toda a prática de cuidado deve ser representação/imitação (*mimesis*) do próprio agir de Deus para com as suas ovelhas. Deus é o supremo pastor, aquele que realiza a ação suprema de cuidado, articulando, dialeticamente, dois componentes fundamentais: *força e afeição*. Em função disso, as práticas de cuidado implicam serenidade e solicitude, firmeza e carinho, vigor e ternura, entrelaçando as dimensões da feminilidade e da masculinidade²¹.

O cuidado é uma linha entrecruzada de força e afeição, abraço afetivo e orientação firme, espaço referencial e prática de doação. Tanto no Antigo como no Novo Testamento, encontramos exemplos de cuidado marcados por essas condições. No Antigo Testamento o caso da amizade cuidadosa entre Davi e Jônatas; no Novo Testamento a conversa de Jesus com a mulher samaritana, seu acolhimento às crianças, o peixe preparado para os discípulos após a pesca, o cuidado dos Gálatas para com o problema de visão de Paulo.

Outro aspecto relevante a ser destacado nas relações de cuidado é a diferença entre relações de cuidado e relações de dependência. Ou seja, as relações de cuidado são diferentes das relações de dependência, em que alguém exaure a energia de outrem sem que haja partilha e troca. Por sua vez, a prática do cuidado é expressão de uma condição de alteridade e convivência com o outro na perspectiva da interdependência, sem a opressão de uma das partes pela outra.

Quais os princípios que orientam a prática do cuidado na perspectiva pentecostal? Em forma de proposição, sinalizamos três princípios: a alteridade, a convivialidade e a escuta sensível. Os princípios mencionados não são exclusivos da tradição pentecostal, contudo ao serem revisitados pelo olhar pentecostal, são lidos pela via pneumatológica própria da perspectiva pentecostal.

²¹ SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cuidado pastoral em perspectiva histórica e existencial*. São Paulo: ASTE, 2013. Cf. também BOFF, Leonardo. *Compaixão e cuidado: o encontro entre o Ocidente e Oriente*. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

2.1. O princípio da alteridade nas ações de cuidado

A ideia de alteridade está relacionada àquilo que a presença do outro, em convivência, altera no modo de constituição de cada sujeito, produzindo relações intersubjetivas e de interdependência em uma determinada rede social. Dessa maneira, o “eu” apenas existe a partir do outro, da visão do outro, o que permite também compreender o mundo a partir da conjugação dos diferentes olhares e saberes que se fazem presentes no mundo e na história²².

A alteridade nos leva a experienciar o encontro com o outro, mobilizando-nos a sair do nosso lugar comum para ver o lugar comum do outro. Nesse sentido, a alteridade constitui-se, também, em um princípio relacional que fundamenta qualquer prática de cuidado.

A experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) leva-nos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos ‘evidente’. Aos poucos, notamos que o menor dos nossos comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de ‘natural’. Começamos, então, a nos surpreender com aquilo que diz respeito a nós mesmos, a nos espionar. O conhecimento (antropológico) da nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única²³.

Do ponto de vista pentecostal, uma das “cenas” a sinalizar a alteridade enquanto princípio de convivência é o próprio evento da descida do Espírito Santo sob os discípulos. No evento do derramamento do Espírito Santo sobre os discípulos (At 1.12-14 e 2.1-4), as pessoas de diferentes

²² VIGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barretos, Solange Castro Afeche. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Cf. também BAKHTIN, M. *Problemáticas da Poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense, 2008.

²³ LAPLATINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000, p. 21.

idiomas ouviram a mensagem divina a partir de suas próprias línguas. O Espírito não os tornou dependentes da linguagem judaica, antes, gerou a possibilidade de ser entendido na linguagem cultural de cada um dos homens e das mulheres presentes no local do evento.

Ao manifestar-se em idiomas diferentes, o Espírito Santo estava reafirmando a legitimidade da diferença, das singularidades culturais e individuais. Não obstante, além de afirmar a radical diferença entre as linguagens humanas, possibilitou um encontro das diferenças em um único espaço. Também, é compreender que uma das implicações do derramamento do Espírito Santo, conforme narrado no livro de Atos dos Apóstolos, é a inauguração de uma nova era histórica marcada pela convivência com o diferente, com aquele que é radicalmente singular e não pode ser reduzido e compreendido apenas pela nossa linguagem, mas no encontro, na troca e na acolhida mediada pela ação do Espírito Santo sendo possível falar ao outro e, de igual modo, ouvi-lo.

Práticas de cuidado desenvolvidas sob a perspectiva da alteridade produzem condições emocionais e intelectuais possibilitadoras da autonomia dos sujeitos diante das decisões mais delicadas que precisam tomar; exercitam a disponibilidade da caminhada sem assumir o protagonismo heroico de definição e determinação em relação às questões do outro; produzem espaços/ações de cuidado promovendo o fortalecimento psíquico e a liberdade espiritual de cada sujeito, pois o Espírito Santo se manifesta em todos e é a suficiência de todos.

Logo, não é possível realizar a prática de cuidado sem ter em conta a perspectiva da alteridade como lugar inicial das atividades cuidadoras. Cuidar a partir da alteridade é disponibilizar-se a aceitar o outro; compreender que somente o outro pode, de alguma maneira, falar de seus afetos, suas angústias, suas tramas e suas perspectivas de mundo. À vista disso, cabe a quem cuida acolher, partilhar e sustentar condições para que o outro sempre seja outro e possa traçar seus caminhos, possibilitando crescimento, superação e bem-estar.

O(a) cuidador(a) na concepção da alteridade é mediador(a) e não solucionador(a). É canal da ação do Espírito Santo e não o solucionador das problemáticas humanas. É instrumento do agir do Espírito, acolhendo os seres humanos na sua singularidade e os conduzindo aos

caminhos daquele que é o autor da diferença e se manifesta mediante a diversidade. É assumir a alteridade como *ethos* de qualquer prática de cuidado.

2.2. O princípio da convivialidade nas ações de cuidado

Convivialidade é um termo mais amplo que convivência e propõe a ideia de *estar-com-o-outro* na realidade onde este se encontra. É a partir do encontro com o outro que existe a possibilidade de convivência, todavia a convivialidade vai além do simples estar juntos, implica estar em comunhão com o outro, podendo *con-viver*, sem negar as diferenças. A convivialidade diz respeito a uma “abrangência relacional” assumindo unidades na diversidade²⁴.

A presença do outro, como pessoa integrante da convivialidade e sujeito da experiência, acena-nos a reconhecê-lo como outro-relação, um território de passagem que, ao mesmo tempo, registra no encontro as marcas afetivas de sua distinção. Ou seja, quando entre eu e tu se realiza um encontro mutuamente afetivo, sem exigências *a priori*, o qual será estilizado por aquilo que cada um traz, pelo que cada um é e pelo que juntos podem tecer²⁵.

Cuidar demanda, necessariamente, uma abertura para o outro que vem com suas impressões culturais, éticas, morais, ideológicas e religiosas, implicando em modificações no território de uma relação. Quem se predispõe a cuidar entra em um novo campo onde já não permanece sozinho, entretanto, está convivendo com o outro, em muitos casos necessitado de amplos cuidados.

O cuidado acontece na relação, no convívio, no encontro. Destarte, a convivialidade é a base para uma relação qualificada de cuidado. Por essa razão, ao considerarmos as práticas de cuidado em uma perspectiva pentecostal, deve-se enfatizar a necessidade de relações de proximidade, afetividade e sensibilidade, próprias da convivialidade produzida em uma comunidade movida pelo agir do Espírito Santo.

²⁴ SOUSA *et al.*, 2010.

²⁵ SOUSA *et al.*, 2010, p. 12.

O cuidado se sabe pela receptividade, pela disponibilidade e, principalmente, pela sua abertura à hospitalidade do outro. No entanto, o outro não pertence ao cuidador, por isso a necessidade de lembrar-se sempre do conceito de liberdade e autonomia de cada sujeito resguardada pelo Espírito de Deus. O cuidador não se deixa possuir pelos desejos e interesses de si, mas pela orientação de cuidar do outro. Por isso, a convivialidade é de uma dimensão ética, profundamente comprometida com o respeito da singularidade do outro enquanto “Templo do Espírito” (1Co 6.19-20), marcado pelas características singulares produzidas pela presença do Espírito de Deus.

A presença do outro, como pessoa integrante da convivialidade e sujeito da experiência, nos acena a reconhecê-lo como outro-relação, um território de passagem que, ao mesmo tempo, registra no encontro as marcas afetivas de sua distinção. Ou seja, quando entre eu e tu se realiza um encontro mutuamente afetivo, sem exigências *a priori*, o qual será estilizado por aquilo que cada um traz, pelo que cada um é e pelo que juntos podem tecer. Quando em mim abrem-se espaços de habitação do outro com sua carga cultural e ao modificar minha hospedagem altera o meu modo de ser em relação. É ainda “[...] esse outro que pode ser uma palavra, um mero esconderijo para si mesmo, mas esse outro com o qual todos nós e cada um de nós, hoje e sempre, nos encontramos porque está entre nós [...]”²⁶.

Associado à convivialidade está o conceito de experiência; a convivialidade é uma experiência e, portanto, é um encontro que produz travessias, travessuras, passagens. Encontro que tem algo de cada um dos participantes, o qual se expõe atravessando um espaço indeterminado, pondo-se ele à prova e buscando nele sua oportunidade, sua ocasião. A experiência da convivialidade é a passagem criadora de novas possibilidades de ser e existir em meio aos desafios da vida, em especial aqueles que produzem a precarização da vida²⁷.

²⁶ SOUSA *et al.*, 2010, p. 12.

²⁷ BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

A experiência pentecostal é convivial na medida em que ela se dá em uma dimensão de espiritualidade singular e, ao mesmo tempo, comunitária. O sujeito pentecostal é profundamente marcado pela experiência pneumatológica, porém, o revestimento espiritual não se resume nele mesmo. Pelo contrário, a experiência pentecostal está implicada em testemunhar a realidade divina no encontro com o mundo, produzindo convivialidade como expressão da grandeza de Deus, acolhendo os seres humanos e, embora frágeis, fazendo-os experimentar a graciosa beleza da comunhão fraternal.

Ser testemunha de Jesus, mediante a presença do Espírito Santo, é, também, testemunhar a relação de cuidado que o Espírito pretende estabelecer com cada sujeito em particular. Tal testemunho se evidencia pelas ações de cuidado produzidas na comunidade a qual é marcada pela ação do Espírito. Nessa panorâmica, cuidar é estar-em-relação com outro, acolhendo-o na sua condição de sofrimento, angústia, tristeza, adoecimento e outras tantas. Somente na lógica da convivialidade é possível experimentar a *com*-paixão, a doação e a sensibilidade espiritual potencializadoras das ações de cuidado.

2.3. O princípio da escuta nas ações de cuidado

Escutar é muito mais que um processo relacionado ao aparelho auditivo. Escutar demanda uma série de disposições, dentre elas, destacamos: afetivas e estéticas, isto é, sensibilidade para acolher o outro na sua singularidade, possibilitando um exercício que transcende a capacidade de acolher e processar um conjunto de estímulos sonoros, dispondo-se a três movimentos: ouvir, problematizar e agir²⁸.

O processo de escuta em uma relação de cuidado implica suspender, ainda que de modo breve, a “cartografia moral” que pretende mapear e localizar os erros, as falhas, os pecados e as faltas das pessoas. Escutar, sob o ponto de vista do cuidado, demanda acolhimento da monstruosidade do outro sem a habitual interdição valorativa, pois em uma relação

²⁸ MEDEIROS, V. Teresinha de. *Alteridade e ética cristã: a novidade para um ser humano solidário na teologia de Bruno Forte*. Dissertação de Mestrado. Rio Grande do Sul: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.

de cuidado só é possível ouvir e sustentar a prática da escuta a partir do deslizamento da “geografia moral” de quem escuta. Somente a partir desse deslocamento é possível escutar as questões do outro.

Medeiros entende que do ponto de vista teológico, escutar se constitui no principal desafio da igreja contemporânea, pois escutar é um exercício de estabelecimento de redes, em busca da criação de sentidos e indagações sobre o novo modo de envolver os saberes humanos baseados no paradigma ético-estético e religioso. Partindo desse viés, escutar na perspectiva de rede é um dos caminhos possíveis para acolher a diversidade de perguntas que assolam a vida humana na pós-modernidade²⁹.

A prática da escuta em uma relação de cuidado pastoral deve dirigir-se à direção de garantia da liberdade das pessoas, visto que a liberdade aparece como possibilidade de não nos tornarmos escravos do mundo ou do outro e, assim, de nós mesmos; liberdade necessária para um permanente olhar contemplativo sobre nós em relação ao mundo, um “não se perder de vista”, um olhar do alto que vê abaixo de si o mundo em sua (des)ordem geral, possibilitando principalmente que a pessoa compreenda seu lugar no mundo e as escolhas que pretende fazer³⁰.

Então, a prática de cuidado ao considerar as escolhas que as pessoas fazem na vida e no mundo, participa do processo de afirmação da liberdade individual bem como da reafirmação da singularidade, permitindo às pessoas se organizarem em meio às muitas fragmentações promovidas pela experiência contemporânea no cotidiano dos sujeitos.

Faz-se necessário reafirmar a premissa de que saber escutar é condição essencial para um conhecimento mais aprimorado de nós mesmos e dos outros. Por conta disso, a escuta apresenta-se também como um procedimento da ascese pastoral; o processo pelo qual o cuidador se recolhe e deixa o outro aparecer, evidenciar-se dentro de suas possibilidades sem a interdição valorativa acerca das ações, escolhas e perspectivas do outro³¹.

Diante de uma cultura polifônica onde os dizeres são virtualizados e a racionalidade dos monólogos substituem os encontros dialógicos,

²⁹ MEDEIROS, 2010.

³⁰ SOUSA et al, 2010.

³¹ MEDEIROS, 2010; Cf. também OLIVEIRA, J. Aglio de. *Matriz de Avaliação do CREAS*. 2012.

escutar assume uma condição de resistência às formas individualizadas de produzir a vida, possibilitando uma abertura à condição de existência comunitária, ou seja, considerar que o falar só faz sentido se for direcionado a alguém que escute e, na medida em que se fala e escuta, constroem-se sentidos partilháveis de vida, o que é condição necessária para viver com-os-outros³².

O processo da escuta demanda silêncio. Um silêncio possibilitador da entrega ao outro que fala para melhor acolher. Um silêncio que sinaliza acolhimento e plena sensibilidade afetiva para permitir a passagem das muitas palavras ditas pelo outro como expressão de suas necessidades. O silêncio abre espaço para que guardemos o que ouvimos, um silêncio ativo, acolhedor, problematiza e cria possibilidades outras de lidar com a trama afetiva em que o sujeito que fala está imerso. Nesse processo, a escuta sensível em uma relação de cuidado além de exercitar a audibilidade, também coloca o cuidador frente às intrigas e tramas a ele apresentadas, pois precisa sair de si, descentrando-se em uma atitude de escuta e entrega de si ao outro que se sente livre para dizer o que pensa sobre si mesmo.

Silenciar diante do outro que fala, possibilita um espaço de escuta de si; permite que aquele que fala possa ouvir os seus próprios pensamentos, sua narrativa e seus saberes. Ao ouvir o que se diz, compreende-se melhor o que se sente/pensa, pois a linguagem não é somente expressão do pensamento, antes, é o caminho para a elaboração do pensamento e das afecções. O silêncio de quem escuta não deve ser compreendido como ausência de linguagem, não obstante como ausência de dizeres que interferem na sonoridade da fala do outro, tolhendo-o para um esconderijo onde já não se torna possível o desvelamento dos sentimentos, pensamentos e desejos³³.

Na perspectiva do cuidado considerado por nós, a escuta se dá na relação e possibilita aos envolvidos uma experiência potencializadora

³² CANEVACCI, M. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. Tradução Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 2004. Cf. também BRAGA, A. Ana; DALTRO, R. Mônica; DANON, A. F. Carlos. A escuta clínica: um instrumento de intervenção do psicólogo em diferentes contextos. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, Salvador, dez. 2012; 1(1): 87-100. VIGOTSKY, 2007; BAKTHIN, 2008.

³³ VIGOTSKY, 2007.

da autonomia do pensamento, da construção de sentidos e da problematização das realidades vividas. Por conseguinte, a liberdade de dizer encontra-se sempre circunscrita por e entre relações de cuidado e escuta³⁴.

A partir do ângulo teológico, o conhecimento de Deus só é possível mediante a escuta sensível de sua voz. O que constitui a esperança da fé é a condição da escuta, capaz de ouvir a voz de Deus a qual dá condições de responder aos desafios que surpreendem a jornada da Igreja no mundo. Na experiência pentecostal, o escutar está relacionado a dois momentos: o de escutar a Palavra que vem de Deus como alimento da fé e espiritualidade; e, o de escutar palavras, sons e murmúrios das pessoas no mundo para ser testemunha da voz de Deus aos corações humanos³⁵.

No primeiro momento, a escuta da Palavra de Deus produz o fortalecimento da fé, a constituição da Igreja e o revestimento da força espiritual da Igreja enquanto corpo místico. No segundo momento, depois de escutar a Palavra do Espírito, a Igreja tem a possibilidade de realizar o discernimento da complexidade presente na fala do mundo, daquele que vem ao encontro da Igreja em busca da voz de Deus³⁶.

A sensibilidade na escuta possibilita a percepção da complexidade que caracteriza a vida do outro, permitindo que o cuidador desenvolva intervenções potentes e efetivas durante as ações de cuidado. Escutar de modo sensível é associar-se ao modo pelo qual o Espírito Santo escuta as orações, clamores e súplicas dos seres humanos. A sensibilidade característica do Espírito, ao ponto de saber o que lhe é solicitado antes mesmo de ser dito (Mt 6.8), é o paradigma que deve orientar os processos de escuta em uma relação de cuidado.

Considerações finais

Na ótica pentecostal, cuidar é coparticipar da ação do Espírito Santo de cuidar dos seres humanos, não os deixando lançados no sentimento de orfandade e solidão, contudo amparando-os mediante as ações de cuidado

³⁴ SOUSA *et al.*, 2010.

³⁵ MEDEIROS, 2010.

³⁶ MEDEIROS, 2010.

desenvolvidas pelos agentes de cuidado nas comunidades pentecostais. Percebe-se assim que, cuidar é ser testemunha do cuidado do Espírito Santo para com a humanidade, tanto no espaço eclesial quanto fora dele.

Ao pensarmos o cuidado enquanto prática pneumatológica, queremos afirmar a sustentabilidade de um conjunto de ações que se configuram como forma de cuidado espiritual, reiterando a perspectiva de que toda prática de cuidado deve ser desenvolvida em um ambiente de convivialidade, onde a alteridade seja considerada como condição primordial para o desenvolvimento de uma escuta sensível e potente para a acolhida das complexidades humanas.

Destarte, as práticas de cuidado em perspectiva pentecostal devem considerar as escolhas feitas pelas pessoas na vida e no mundo. Escolhas que se apresentam como elemento de liberdade, autonomia e singularidade, características produzidas e sustentadas pelo Espírito Santo para haver condições necessárias e viabilizadoras de ricas formas de produzir sentidos de vida e promover a cura, do latim *coera*, no sentido de cuidado, de “ter todo ser interagindo harmoniosamente. É vir a ser o que se é de fato por vocação divina. É retorno a si mesmo como o recipiente da imagem e semelhança de Deus”³⁷. Nessa perspectiva, o cuidado visa tornar a pessoa inteira, no sentido de lhe devolver a integralidade perdida nos enfrentamentos da vida.

Nesse sentido, enfatiza-se a necessidade da compreensão de que qualquer prática de cuidado, desenvolvida nas comunidades pentecostais, apresenta-se como testemunha de uma perspectiva de mundo constituída pela sensibilidade do Espírito Santo o qual move a história e a criação em direção a Deus.

Referências

- BAKHTIN, M. *Problemáticas da Poética de Dostoievski*. Rio de Janeiro: Forense, 2008.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. Tradução João Wanderley Geraldi. *Revista Brasileira de Educação*, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.

³⁷ SATHLER-ROSA, 2013, p. 58.

- BRAGA, A. Ana; DALTRO, R. **Mônica**; DANON, A. F. Carlos. A escuta clínica: um instrumento de intervenção do psicólogo em diferentes contextos. *Revista Psicologia, Diversidade e Saúde*, Salvador, dez. 2012; 1(1): 87-100.
- BRUNER, Frederick Dale. *Teologia do Espírito Santo*. São Paulo-SP: Cultura Cristã, 2012. BOFF, Leonardo. *Compaixão e cuidado: o encontro entre o Ocidente e Oriente*. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- CALDAS, Carlos. *Fundamentos da teologia da Igreja*. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.
- CAMPOS, Bernardo. *Da reforma à pentecostalidade da igreja: debate sobre o Pentecostalismo na América Latina*. São Paulo: Sinodal: Quito: CLAI, 2002.
- CANEVACCI, M. *A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana*. Tradução Cecília Prada. São Paulo: Studio Nobel, 2004.
- GILBERTO, Antônio. Pneumatologia. A doutrina do Espírito Santo. In: GILBERTO, Antônio (Ed.), *Teologia sistemática pentecostal*. 2. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.
- HORTON, M. Stanley. *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), 2011.
- LAPLATINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Editora Brasiliense, 2000.
- MCLEAN, D. Mark. O Espírito Santo. In: *Teologia Sistemática: uma perspectiva pentecostal*. Org. Stanley M. Horton. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus (CPAD), 2011.
- MEDEIROS, V. Teresinha de. *Alteridade e ética cristã: a novidade para um ser humano solidário na teologia de Bruno Forte*. Dissertação de Mestrado. Rio Grande do Sul: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2010.
- MENZIES, W. William; MENZIES, P. Robert. *No poder do Espírito: fundamentos da experiência pentecostal, um chamado ao diálogo*. São Paulo: Editora Vida, 2002.
- MOLTMANN, J. *A Igreja no poder do Espírito*. Santo André/SP: Academia Cristã, 2013.

- OLIVEIRA, D. Mesquiati; CAMPOS, Bernardo. Teologia Prática Pentecostal: particularidade, perfil e desafios no século XXI. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 56, n. 2, p. 264-275, jul./dez., 2016.
- OLIVEIRA, Juliene Aglio de. *Matriz de Avaliação do CREAS*. 2012.
- POMMERENING, Claiton Ivan. Desafios de uma proposta pneumatológica para o pentecostalismo. *Revista Enfoque Teológico*, v. 3, p. 73-90, 2016, p. 77.
- SATHLER-ROSA, Ronaldo. *Cuidado pastoral em perspectiva histórica e existencial*. São Paulo: ASTE, 2013.
- SILVA, M. Nörnberg. *Cuidem bem do meu filho: a ética do cuidado numa instituição filantrópica*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS/PPGEDU, 2002.
- SIQUEIRA, F. Gutierres. *Revestidos de Poder: uma introdução à Teologia Pentecostal*. Rio de Janeiro: CPAD, 2018.
- SOUSA, A. M. Borges de; MIGUEL, S. Denise; LIMA, M. Patrícia. *Gestão do cuidado e educação biocêntrica*. Florianópolis/SC: UFSC-CED-Nuvic, 2010.
- VIGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Trad. José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barretos, Solange Castro Afeche. 7ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Submetido em: 19/02/2019

Aceito em: 29/05/2019